

PFL planeja convivência

BRASÍLIA – O senador Antonio Carlos Magalhães entrega o cargo hoje, mas o PFL já traçou o panorama da convivência futura com o cacique baiano fora do Senado. Feitos e refeitos os cálculos dos danos políticos, os pefelistas avaliam que, na prática, a perda é apenas de um palanque especial. E tentam acertar com Antonio Carlos os próximos passos: ele se mantém fiel ao PFL e, em troca, continua influenciando nas grandes reuniões e decisões partidárias.

Para os pefelistas, graças ao apoio que hipotecaram a ACM no processo de cassação, ele não vai optar por um afastamento radical e deve permanecer no PFL com seus 6 milhões de votos. “Queremos que ele encontre o caminho e que volte à cena nacional”, avisa, acolhedor, o vice-presidente do PFL, José Agripino Maia (RN). “Não existe ACM sem PFL, ele vai estar sempre no Congresso e em todas as decisões”, reforça o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE).

É consenso no partido que não é possível descartar o grupo sob a influência de Antonio Carlos: cerca de 20 deputados, três senadores, o governador da Bahia e 383 prefeitos entre os 417 municípios baianos.

De olho nas eleições do ano que vem os caciques pefelistas tomaram duas decisões: o PFL continua no governo até o fim, articulação que o presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC), e o vice-presidente Marco Maciel (PE), estão capitaneando. Por outro lado, o partido vai tentar livrar-se nos próximos meses da plumagem tucana que adquiriu.

Uma ala pefelista já começa a se contaminar pelos argumentos do líder baiano de afastamento progressivo do governo federal. “As pesquisas estão mostrando claramente que candidatos chapa branca não mostram vitalidade”, levanta o secretário-geral do PFL, José Carlos Aleluia (BA).

As opções seriam as candidaturas de Itamar Franco (PMDB) e até mesmo Ciro Gomes (PPS).